

nara roesler

sérgio sister
pintura entre
frestas e cavidades
nara roesler são paulo

abertura
19 de agosto

exposição
19 ago – 7 out, 2023

pintura entre frestas e cavidades

felipe scovino

A poética de Sérgio Sister passa por um estado da falta e, por conseguinte, por um gesto de completude que sempre parte de uma observação atenta do espectador. Formada por partes, sua obra nunca se revela por completo. Ocorre-me a imagem de que o trabalho está continuamente à espreita, sendo visto e olhando porque é uma coisa que é corpo também. As suas *Caixas*, por exemplo, possuem esse sintoma: em algumas delas, dependendo da perspectiva que adota, o espectador não verá as ripas por completo. É preciso se aproximar dessa pintura transmutada em objeto pictórico para identificar, de forma mais incisiva, suas partes, perceber a relação entre figura e fundo e como o artista constrói o sentido de uma pintura em que finalmente vemos o seu oco. Mais do que isso, o que está exposto é o esqueleto da obra e essa metáfora ganha densidade quando o aspecto físico – alongado e estreito – das ripas das *Caixas* é associado ao conceito popular de tripa. As tripinhas de madeira que, alegoricamente, criam relações com um corpo (no espaço). É um corpo oco que se mantém aberto permanentemente a investigações. O que se coloca prontamente é o embate entre duas entidades: o oco da pintura e o olhar curioso do público.

Vendo a montagem de alguns de seus dípticos percebe-se que eles são constituídos a partir da junção de telas e de telas coladas sobre alumínio. É a continuidade de um pensamento plástico voltado para as linguagens construtivas que atravessa o seu trabalho desde sempre. As peças dessa engenharia pictórica requerem a construção modular, mas possuem sua autonomia. Me deparo com a pergunta: determinada obra de Sérgio é um

tríptico ou 3 pinturas distintas que foram aproximadas? Para além disso, apesar de ter referentes escancarados como o expressionismo abstrato, neoconcretismo, concretismo e construtivismo, Sérgio teceu um caminho muito próprio ao elaborar associações poéticas únicas. Por exemplo, as *Caixas* para além de toda uma discussão formalista que elas evocam, não conseguem nos fazer esquecer de onde elas vêm e justamente por isso elas possuem um cheiro variado de frutas e um barulho de feira. Há algo ruidoso nelas que ecoa continuamente.

Voltando aos dípticos, o encaixe dessas divisões reforça a ideia de um espaço quebradiço e ágil. Com relação a essa última característica, eu diria que o movimento não cessa na composição de partes que se unem mas também no próprio fazer da pintura. Sérgio provoca a aparição de uma pintura “suja”, “mal feita”. Costumamos ver na superfície de suas telas, o registro de sua gestualidade nas camadas de tinta que se sobrepõem e escapam à homogeneidade da fatura. São pinceladas bruscas, como se a obra ainda estivesse por fazer. O artista cria áreas de imperfeição na homogeneidade que talvez se esperasse de um monocromo. O que se coloca é um território em constante estado de transitoriedade. Uma pintura que não deseja a permanência ou a planaridade, porque busca o fluxo contínuo, seja no seu próprio fazer, seja na relação que estabelece com o espaço e o espectador.

A imagem da falta se revela no seu trabalho por conta da presença de fendas, frestas e cavidades. Seus dípticos e trípticos são estruturalmente

formados por intervalos ou divisões modulares que remetem às ripas das *Caixas*. Se, nesta série, o trabalho quer ser translúcido, nos dípticos e trípticos ausência é parte constituinte da obra e não uma sobra. Em alguns casos, as telas que compõem seus dípticos e trípticos estão presas a uma estrutura de alumínio coberta com tecido colado na sua superfície e pintada a óleo de forma monocromática. Portanto, o intervalo entre essas telas que poderia ser simplesmente o vazio, passa a ser constituído por um elemento que não só aproxima as telas, mas é fulcral em um debate sobre a cor em sua obra. Por vezes, Sérgio faz uso de tinta vinílica aplicada na lateral da tela. O efeito dessa tinta é transformador: como um farol que irradia luz à distância, o que se sobrepõe é o caráter luminoso que a superfície passa a ter. O curioso é que a vinílica nem sempre é observada com atenção, pois muitas vezes ela está em áreas um tanto “escondidas” da pintura, por isso a alegoria da fenda. É preciso “abrir” a pintura, esgarçar os seus intervalos, investigar as margens de seus módulos para encontrar essa cor-luz.

Há algo de uma superfície vibrátil na obra de Sérgio. E isso não se aplica só – como se fosse pouco – à luminosidade da vinílica mas também ao óleo e ao uso que faz de metais. Seus desenhos, com o passar do tempo, manifestam camadas mais intensas de manchas oleosas que se espriam pelo papel, reportando a “sujidade” que comentei no início mas também a potência de algo orgânico, de uma pulsão de vida. Para além disso, a conjugação das cores metálicas com as foscas gera um efeito ambíguo de força e fragilidade sobre o papel branco. Há uma energia concisa, espontânea e que se

manifesta como se estivesse colocando o papel a trepidar. Isso é reforçado por seu costureiro gesto de produzir partes francamente brilhantes fazendo com que suas pinturas conquistem uma luminosidade singular. Já a barra de alumínio pintada a óleo que é parte constituinte de suas pinturas é, por si só, um condutor de energia. Ao ser também esse elemento de conexão entre as telas, ela se constitui como uma fenda, um rasgo luminoso por debaixo da superfície. Por essa linha-corte a energia pulsa. O que parece sobrar – a fenda – é a sua conexão com o mundo: a linha-espaço do encaixe dos planos que aviva a superfície. O plano passa a ter espessura e o ar que ali penetra é o mesmo ar que respiramos. A poética de Sérgio reside também neste fato de transmitir um sentido de compleição dinâmica, mesmo veloz, à pintura. Ademais, na relação entre figura e fundo constante nas *Caixas*, o que podemos observar em algumas delas é a seguinte operação: as ripas que faltam no primeiro plano são complementadas pelas que ocupam o segundo plano e vice-versa, instaurando um jogo visual que não cessa e alimenta o recurso de um fluxo dinâmico de energia em seu trabalho.

Os espaços vazados são constituintes da poética dos *Pontaletes* e enriquecem o debate sobre pintura. Essa falta nunca é verdadeiramente ausência, visto que as ripas criam áreas abertas e emolduram a parede. Além de poderem ser lidos também como instalação, fazem uso da cor da parede como elemento de sua natureza. As ripas e seu diálogo com o espaço e a arquitetura possuem trajetória significativa nas artes visuais brasileiras, passando por Alfredo Volpi, Ione Saldanha, Willys de Castro e, claro, Sérgio Sister. A diferença que os *Pontaletes*

estabelecem é uma ocupação tridimensional da pintura, em um intervalo entre a planaridade e a espacialidade, obedecendo a um ritmo coletivo e íntegro de suas partes. Já não são pinturas presas ao plano como as fachadas de Volpi nem são as ripas autônomas de Saldanha que muitas vezes são expostas coletivamente. *Pontaletes* possuem um encadeamento de suas partes, sempre abertas, fraturadas, em um diálogo franco e associativo com a arquitetura, ponto de distinção, eu diria, com os *Objetos ativos*, de Castro. *Pontaletes* são pinturas mas também objetos instalativos que remetem a aspectos da cidade como portas, janelas, portais. A escala da obra e o fato de estar apoiada no chão dialoga com a ideia desses espaços convocarem uma presença, de quererem ser preenchidos.

Na obra de Sérgio Sister, o vazio assume a sua condição de elemento integrante da obra e por conseguinte de inventor de lugares. Como é uma obra que assume o seu estado de rompimento e interrupção, com partes constituindo um todo, temos a ilusão de que construímos incessantemente espaços porque eles nunca têm formas definitivas, apesar de rigorosamente acabados no interior da razão em que foram pensados. Eis o legado que a sua obra deixa para o mundo.



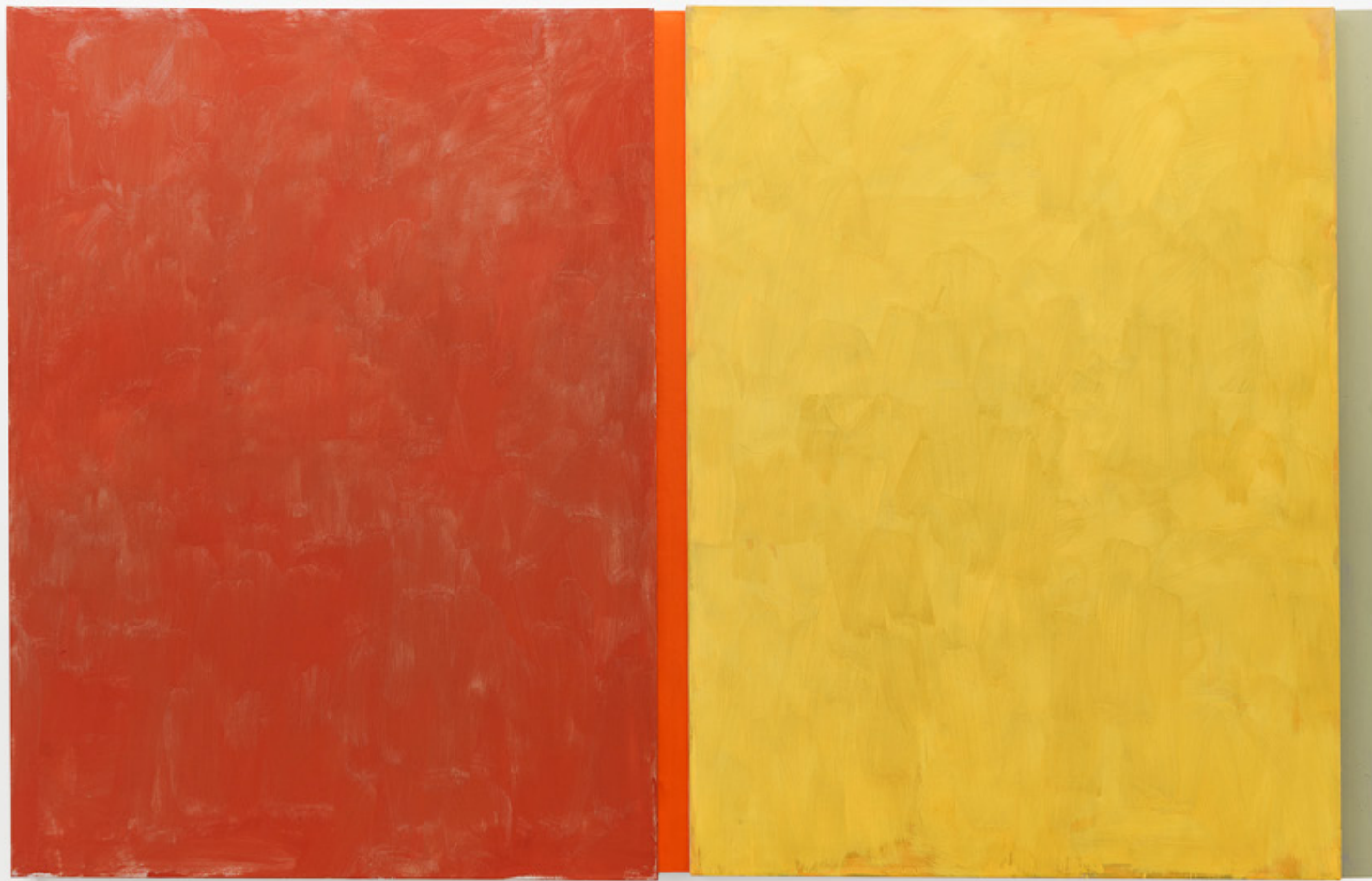
*Magenta e laranja com
ligação amarela, 2022*
tinta óleo sobre tela
195 x 184 cm



—
Vermelho e dourado, 2022
tinta óleo sobre papel kozo
140 x 59 cm







*Terra vermelha e amarelo com
ligações laranja e verde, 2022*
tinta óleo sobre tela
140 x 216 cm







Dente de ouro, 2023
tinta óleo sobre tela
65 x 184 cm





*Ouro e complexos
noturnos, 2023*
tinta óleo sobre tela
35 x 112,5 cm





Quarentena 7, 2020
tinta óleo sobre madeira
37 x 25 x 7 cm





*Pintura com ligações prata,
ocre e laranja, 2021*
óleo sobre tela e alumínio
24,5 x 73,3 x 2,5 cm

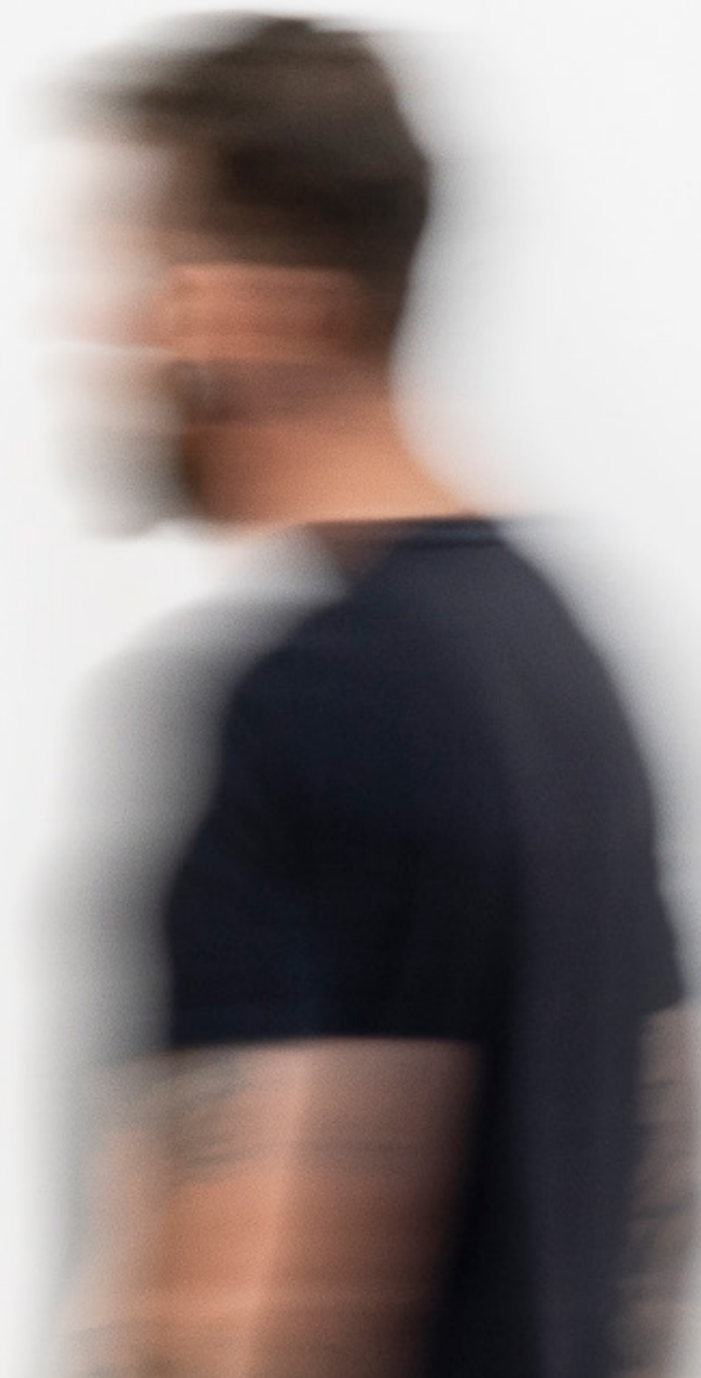




*Petróleo e prata com
ligação magenta, 2022
tinta óleo sobre tela
183 x 190 cm*



33x33, 1990
tinta óleo sobre tela
67 x 33 cm





Edição extra, 2022
tinta óleo sobre papel kozo
199 x 100 cm







*Pintura com ligações
prata e laranja, 2021
óleo sobre tela e alumínio
24,4 x 53,9 x 2,5 cm*



Ripa vermelha, 2020
tinta óleo, tinta vinílica,
tela, alumínio e madeira
65 x 7 cm







*Vermelhos com ligação
e lateral cinzas, 2023*
tinta óleo sobre tela
35 x 57 cm







Terras, cobre e ouro, 2022
tinta óleo sobre tela
24 x 72,5 cm





Laranja e metais, 2023
tinta óleo sobre madeira
37 x 25 x 7 cm





Laranja dourado, 2022
tinta óleo sobre papel cozo
140 x 59 cm







Mundo amarelo com ligações
cobre e bronze, 2022
tinta óleo sobre tela e alumínio
35 x 84 cm





Chardin 1, 2021
tinta óleo sobre tela
24 x 35,5 x 2,5 cm





Chardin 2, 2022
tinta óleo sobre tela
24 x 37 cm



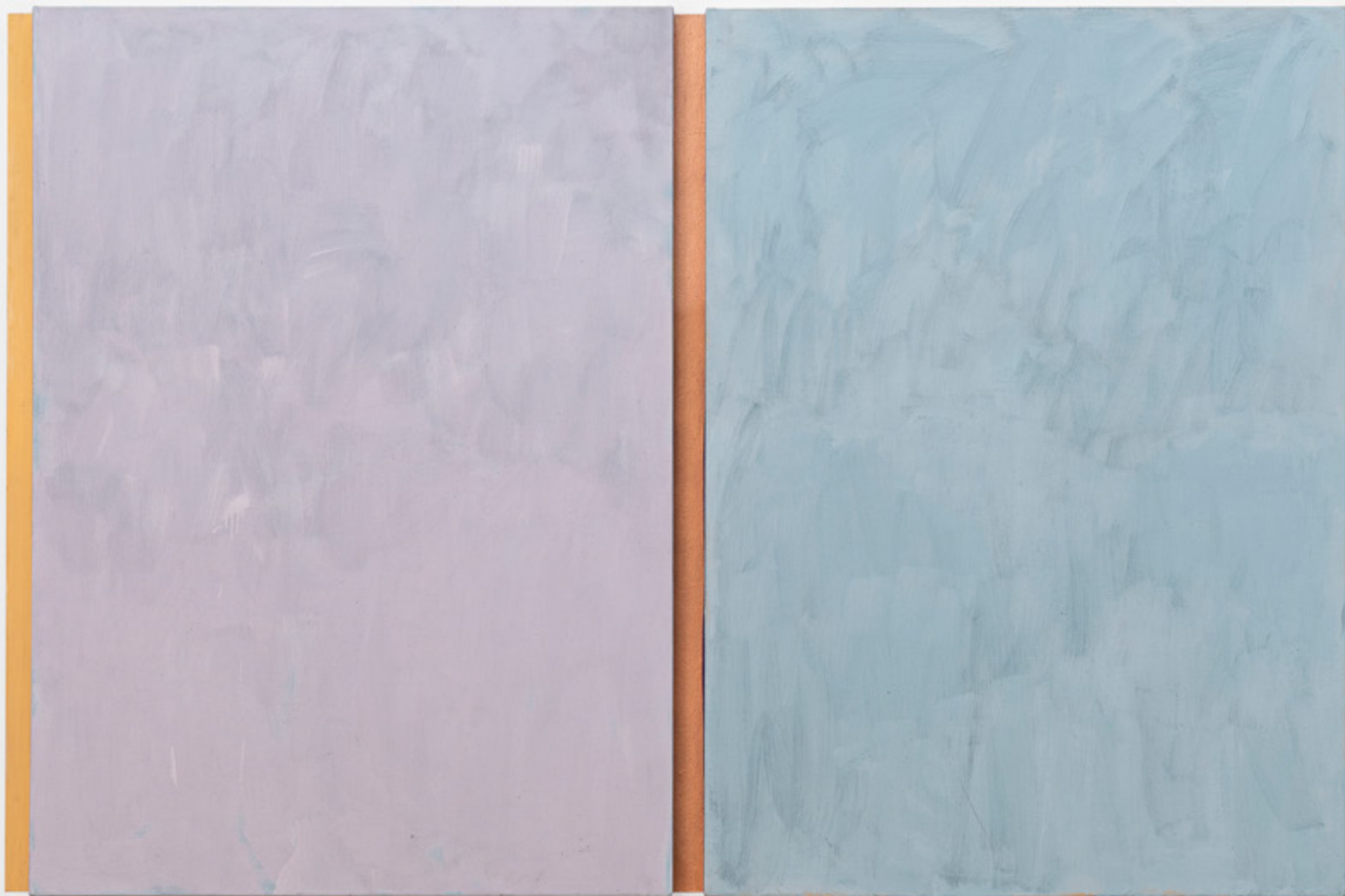
Pretos, cinza e rosas, 2020
tinta óleo sobre madeira
37 x 25 x 7 cm





Pretos e rosa, 2022
tinta óleo sobre tela
24 x 53 x 5 cm





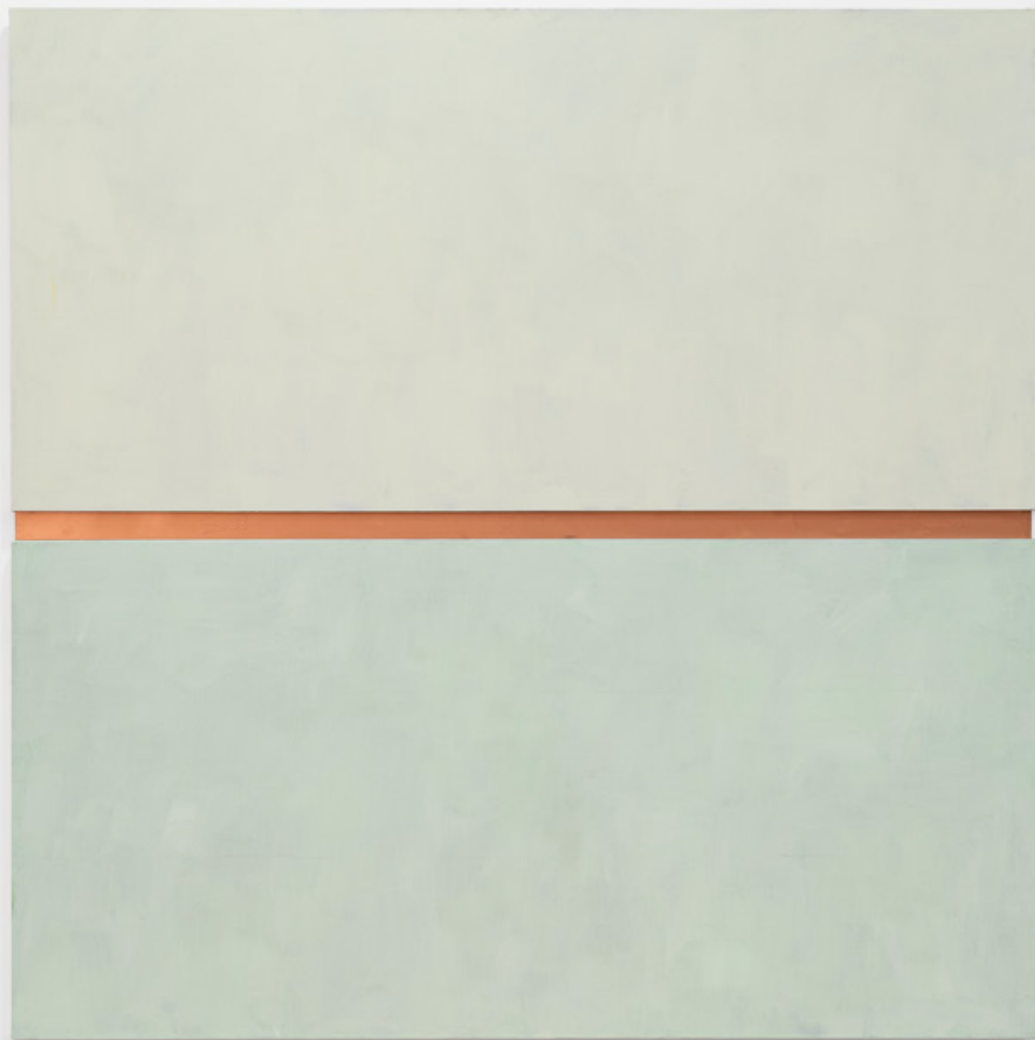
*Azul e verde
metalizados, 2023
tinta óleo sobre tela
145 x 220 cm*





Pintura com ligações verdes fluo, 2021
tinta óleo sobre tela e alumínio
24,4 x 53,2 x 2,2 cm





*Verdes claros ligados
por cobre, 2023*
tinta óleo sobre tela
180 x 190 cm





Branços com ligação cobre, 2023
tinta óleo sobre tela
24 x 35 cm





Pontalete 17 b, 2019–2023
tinta óleo, tinta vinílica,
tela, alumínio e madeira
160 x 200 cm







*Branços e prata com
ligação amarela, 2023
tinta óleo sobre tela
24 x 54 cm*



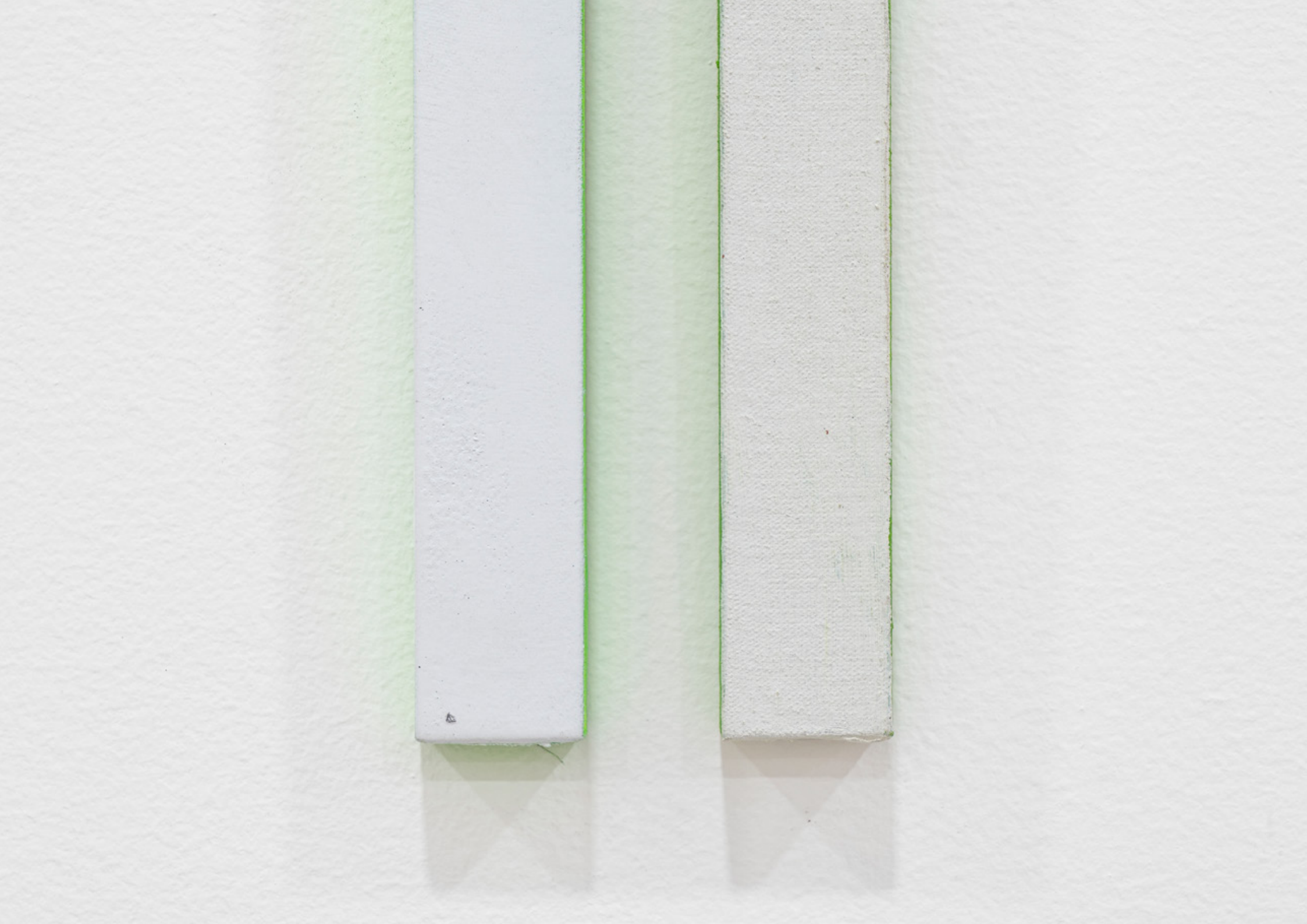
Caixa fluor, 2023
tinta óleo sobre madeira
35 x 25 x 7 cm







Ripa Willys, 2020
tinta óleo, tinta vinílica,
tela, alumínio e madeira
65 x 7 cm





*Pratas e verde com ligações
fluo e prata, 2023
tinta óleo sobre tela
24 x 53 x 2,5 cm*



sérgio sister

n. 1948, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

exposições individuais selecionadas

- *Pintura e vínculo*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sérgio Sister: O sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum*, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nympe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)
- *Ordem desunida*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque, São Paulo, Brasil (2020)
- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
- *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, Drawing Center, Nova York, EUA (2019)
- *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França (2018)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art